

(Interseccionalidades)

O PAPEL DAS MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DOS LUGARES DE REFÚGIO

Rodrigo Batista da Silva¹
Jeani Delgado Paschoal Moura²
Gustavo da Costa Fonseca³
Marcelo Correa Porto⁴

Resumo: O trabalho tem como objetivo debater conceitos-problemas na ciência geográfica: memória, lugar e espaço, como esses conceitos auxiliam na interpretação das práticas sociais contemporâneas. A Geografia Humanista de base fenomenológica foi escolhida como recurso teórico-metodológico, para investigar a relação entre sujeito e lugar. O estudo da memória se torna interessante nessa relação sujeito-lugar. Cada experiência é única, o que torna cada relação também única, sendo a memória ferramenta importante para a ressignificação dos espaços e sua ocupação por grupos. Procurou investigar como essas interseccionalidades são responsáveis pela criação de vínculos identitários ligados aos lugares.

Palavras-chave: Memória, Lugar, Identidade, Fenomenologia.

Abstract: The work aims to discuss key problem-concepts in geographic science: memory, place, and space, and how these concepts assist in the interpretation of contemporary social practices. Phenomenology-based Humanistic Geography was chosen as the theoretical-methodological framework to investigate the relationship between subject and place. The study of memory becomes interesting in this subject-place relationship. Each experience is unique, making each relationship unique as well, with memory being an important tool for the re-signification of spaces and their occupation by groups. The research sought to investigate how these intersections are responsible for creating identity bonds linked to places.

Keywords: Memory, Place, Identity, Phenomenology.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma investigação de como as memórias, enquanto capacidade de reviver o passado, estão diretamente ligadas à concepção dos lugares. E como esses lugares podem ser estudados pela Geografia. Para tanto, será necessário compreender como a memória pessoal e a memória espacial são

¹ Mestrando, Universidade Estadual de Londrina (estudante), rodrigo.batista@uel.br

² Doutora, Universidade Estadual de Londrina (docente), jeanimoura@uel.br

³ Graduando, Universidade Estadual de Londrina (estudante), gustavo.costa.dafonseca@uel.br

⁴ Mestrando, Universidade Estadual de Londrina (estudante) marcelo.correaporto@uel.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

concebidas, e como as experiências geográficas são compartilhadas por meio da memória coletiva.

A Geografia Humanista servirá de base teórica-metodológica para a realização desta pesquisa, pois esse arcabouço teórico busca a compreensão do espaço geográfico pelas vias da experiência geográfica, uma experiência existencial cunhada no espaço geográfico e suas diversas faces.

Para isso, dividimos o trabalho em três frentes de análise: “Memórias e Esquecimentos”, onde investigamos como as memórias podem ser utilizadas para a afirmação de um discurso político e ideológico dominante e por consequência como os esquecimentos são produzidos, neste tópico utilizamos como exemplo o processo de ocupação moderna do Norte do Paraná e o silenciamento dos povos que já habitavam a região. No tópico seguinte “Lugares e Memórias” tratou-se de como os espaços são objetos de análise na Geografia e como ocorre a transformação desses em lugares, o tópico trabalha diretamente a correlação dos sentido afetivo dos lugares com a memória construída e como essa relação é fundamental nesse processo. E por fim, em “Lugares de Refúgio” é analisada o resultado de duas pesquisas já concluídas e como esses trabalhos dialogam com a investigação discorrida até então, como os lugares se tornam habitáveis para aqueles que se relacionam com eles, os trabalhos interpretam essa relação sob dois grupos distintos mas que são marginalizados por seus pares por não se encaixarem nas normas sociais preestabelecidas: aqueles que bebem em bares e a comunidade LGBTQIAPN+. Em ambos os casos é o sentimento de pertencimento ao lugar e suas memórias construídas nesses espaços que unem os grupos e os dão sentido de pertencimento.

O trabalho tem como objetivo focar nos estudos das interações sociais com o espaço, a memória sendo fio condutor para a interpretação desse processo e como essas interseccionalidades são responsáveis pela criação de vínculos identitários ligados aos lugares.

2. MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS

Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças, recuperamos a consciência dos acontecimentos anteriores,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

distinguimos ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado (Lowenthal, 1998, p.75).

O ato de lembrar, recordar o passado é uma não é uma ação simples e passiva. Memorar o passado é uma construção permanente, ativa e seletiva de recortes de eventos vividos e experimentados. Quando diminuimos nossa escala para uma análise social, e não individual, percebemos que existem escolhas do que podem, do que devem e do que é conveniente esquecer, essas escolhas são balizadas pelas necessidades e valores dominantes no presente. Esse processo de seleção do que deve (ou não) ser lembrado resulta no apagamento de memórias, práticas, culturas e identidades de determinados sujeitos e grupos que estão marginalizados em corpos e ideologicamente.

A nossa história e a construção dos espaços, e por consequente sua disputa física, material e cultural nos levou a silenciar tantos, caso da cultura afro-brasileira e dos povos originários, por exemplo. A construção de cidades como a de Londrina e o o que buscou-se denominar de Norte Novo e Novíssimo do Paraná, na primeira metade do século XX, evidencia esse processo de silenciamento de narrativas e memórias de grupos que não fazem parte do dominante. Nos registros históricos, principalmente a da ocupação dos chamados sertões que a narrativa de desbravamento e pioneirismo ganha um viés heroico e mítico quando nos remete a esses processos: o mundo selvagem a ser desbravado, a coragem de homens (e mulheres, em menor escala) na missão de levar civilização a esses rincões esquecidos e abandonados.

Fica claro aqui que a memória presta um serviço a versão oficializada da história que se quer construir: a história tradicional costuma silenciar determinados grupos e povos, a narrativa do “vencedor versus perdedor”, corrobora o primeiro grupo.

A escrita engendrou uma nova memória humana. E essa memória cultural venerou os textos antigos como raízes da sabedoria e do conhecimento, conservou a marca das representações originais do pensamento escrito. A concepção do tempo, do espaço, da natureza e dos homens, formulada pelos primeiros filósofos gregos, foi transmitida ao Ocidente de geração em geração de letrados. [...] O corte entre uma memória de letrados e as outras memórias sociais é um facto capital. Detentores do poder e da cultura escrita, os filósofos e os clérigos ignoraram e desprezaram os iletrados, que designaram de bárbaros, vilões, selvagens, segundo as épocas e os lugares. As memórias antigas, as memórias selvagens, as

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

memórias iletradas, subsistiram durante milhares de anos, exteriormente à memória da elite, para milhões de homens e mulheres. A nova atenção, que lhe é prestada pelos investigadores e pesquisadores, traduz as incertezas da civilização racionalista e tecnicista. Ela expressa também o fracasso da história na sua pretensão de deter as chaves do passado." (CITRON.1990, p. 49 apud TOMAZI, 2000. p. 297)

O atual território do Estado do Paraná, estava sendo habitado por diversos povos havia milhares de anos. Isso pode ser comprovado através de registros de sítios arqueológicos de gravuras rupestres e material lítico, próximos a regiões como as dos rios Iguaçu, Ivaí e Tibagi comprovaram essas primeiras ocupações, registros como do antropólogo Levi-Strauss, no início do século XX, demonstravam a vida cotidiana dos Kaingang na região do Rio Tibagi.

Essas terras já eram ocupadas por povos originários, como os Kaingangs, posseiros e sertanejos durante o processo de invasão e ocupação, mas pouco acabou se guardou na história como se deu o processo de expulsão e dizimação dos povos que já a habitavam. É certo entender que populações como povos originários e caboclos não ocupavam todo o território conforme nossa concepção capitalista tardia de uso do solo o que deu a liberdade para a construção de narrativas como vazios demográficos, mas não se pode negar que estes estavam presentes e utilizavam-se do solo, da mata e dos rios, que dominavam aquela paisagem. A sobrevivência dessas populações, estava em sintonia com aquele meio: a floresta. Ainda que não existissem grandes núcleos populacionais (o que pode ser discutido) e a população estivesse dispersa sobre o território, sua existência não pode ser negada. Desta maneira, o que se entende por Norte do Paraná não pode ser interpretado como uma região que outrora foi ocupada de forma pacífica, os conflitos existiram, mas coube a memória oficializada silenciá-los.

Aquilo que celebramos como acontecimentos fundadores são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um estado de direito precário. A glória de uns foi a humilhação para outros. À celebração de um lado, corresponde à execração, do outro. Assim se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem uma cura. Paul Ricouer (2007, p. 92).

O esquecimento não é apenas um fenômeno passivo, mas deve ser entendido como uma estratégia ativa. O esquecimento pode ser necessário para o progresso e para a reconciliação. Entretanto, também pode ser usado para suprimir memórias indesejáveis ou desconfortáveis, o que pode levar ao apagamento de

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

identidades e experiências históricas, como no exemplo citado.

Levando em consideração que a memória não está longe de ser neutra, e que é diretamente influenciada pelas relações de poder de dominantes e dominados. Podemos sugerir que o que é lembrado e o que é esquecido por uma sociedade é determinado pelo extrato de quem mantém o poder. A elite dominante usará instituições: Estado, escola, prisão entre outras, para moldar e construir as memórias coletivas, servindo os seus interesses narrativos pela manutenção do status quo.

O que ou quem deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, o que é história oficial e o que é relegado ao esquecimento é uma questão de como esses sujeitos e eventos se encaixam ou não nos discursos padrão de cada época. A memória é um campo de batalha entre diferentes discursos e formas de poder. Para demais, precisamos entender como a memória se torna campo fecundo para a ciência geográfica.

3. LUGARES E MEMÓRIAS

A ciência geográfica estuda o espaço e suas relações com a Terra e a partir desta análise é possível compreender inúmeras e complexas relações. O espaço é compreendido como uma totalidade (Santos, 1978), um conjunto de funções, ações e formas que atravessam o tempo, abrangendo passado, presente e futuro em constante diálogo:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (Santos, 1978, p. 122).

Para atender o objetivo proposto, entende-se que a concepção de espaço e lugar está para além de uma estruturação espacial, é necessário entender para além: compreender os aspectos ontológicos do espaço geográfico, isto é, as experiências existenciais que os seres humanos têm do lugar. (Tuan, 1983):

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constroi a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (Tuan, 1983, p. 9-10).

Lugar e espaço devem ser entendidos de forma integrada. Para a conceituação de Lugar, a diferenciação deste para o espaço é a ênfase dada à experiência espacial como a percepção do espaço pode contribuir não apenas para investigações individuais, mas também para interpretações das relações sociais e coletivas. (Silva, 2024)

Ao refletirmos sobre as experiências individuais e coletivas, a memória surge como meio de simbolização, de atribuição e compartilhamento de sentidos sobre o espaço geográfico e de seus diferentes lugares. O lugar supera a mera finalidade material proposta inicialmente, mas também passa a incorporar memórias, afetos, desafetos, interesses públicos e privados:

uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado (Relph, 1979, p. 41).

O espaço histórico-material começa a ser percebido também como existencial, como parte da experiência humana, isto é, como lugar (Tuan, 1983). Por ser considerado lugar, uma experiência gravada na memória humana é essencial que seus significados sejam compartilhados na memória coletiva, possibilitando assim que perdure na cultura das gerações futuras. Notamos aqui, como as memórias estão diretamente ligadas à concepção e construção dos lugares.

A geograficidade, que expressa a materialidade do espaço geográfico, é compartilhada em nossas vivências cotidianas com a lugaridade que, por sua vez, expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços." (Holzer, 2013, p. 24).

As relações sociais que ocorrem nos espaços (e lugares) são responsáveis pela criação das memórias individuais e coletivas. A memória é a guardiã de uma experiência vivida, dotada de objetos e símbolos apreendidos neste processo. O lugar é o palco, é onde ocorrem essas interações, é onde a vida acontece. Podemos entender que a construção das memórias e os sentidos dos lugares são intrínsecos na construção e manutenção um do outro. São as interações que os constroem: percepções, sensações, reflexos, hábitos e relações. As formas

simbólicas de vivenciar um lugar podem e de fato ocorrem por meio da construção de memórias (Halbwacsh, 2003).

Para tanto é nesse contexto de construção de memórias e lugares que são afetivos que as sociedades buscam criar refúgios, sejam estes dos mais diversos possíveis que têm, entre outras funções, a de transformar lembranças para os indivíduos, seja de forma particular ou em grupo. Mas para além de lugares, refúgios.

4. LUGARES COMO REFÚGIO

Já trabalhamos como a memória (e seus esquecimentos) moldam a concepção dos lugares. Mas neste tópico trabalharemos como a construção de Lugares de Refúgio estão diretamente ligados às memórias e como podem ser abordados no estudo da Geografia. Para este usarei como exemplo dois casos já analisados por pesquisadores: os lugares de refúgio materializados nos bares e no ato de beber cerveja e o outro em guetos de comunidades LGBTQIAPN+.

O primeiro trabalho intitulado “Saideira atrás da outra: as raízes da cultura cervejeira enquanto geradora de significações com o outro e com o lugar” (Porto *et al.*, 2023) transita sobre o simbolismo derivado do ato de se reunir para beber cerveja e como essas relações potencializam os laços de identidade dos sujeitos com seus pares e a afeição desses na formação de lugares. Neste trabalho o autor investiga como os frequentadores de um bar específico e tradicional em Ribeirão Preto-SP se identificam e possuem a relação com o lugar e como o ato de beber a cerveja é uma reforçadora do lugar geográfico, a socialização em grupo dessa reunião de lazer cria nos sujeitos memórias coletivas e um sentido de pertencimento a aquele lugar, vai além do simples ato de consumir uma bebida. Transcende classes ou julgamentos e normas sociais previamente estabelecidos, lembremos que a concepção dos lugares perpassa pelas memórias e o ato de construção destas é um campo em litígio: beber nem sempre é visto como moral.

Sendo assim, compreende-se que as raízes da socialização enquanto geradora de significações entre os sujeitos e com o bar (lugar) para compreendermos que extrapolam os julgamentos da comunidade em torno. A

pesquisa demonstrou como as forças que criam raízes culturais e sociais nos botecos em torno da cerveja rompem com os prejulgamentos criados pela sociedade que acaba marginalizando a cultura de beber dos botecos, existe um apego e apelo ao lugar geográfico, em comunhão com o ato de beber cerveja, acaba por criar um vínculo de “família”, permeado por sentimentos de acolhimento, pertencimento e intimidade, ofertando momentos de prazeres, muitas vezes, inconcebível em outros locais. São criadas memórias afetivas, o que torna aquele lugar, o bar, único. É visto como um lugar marginalizado pelos que estão fora, mas possuem significado ímpar para aqueles que são de dentro.

Continuando dentro desta perspectiva entender os espaços como lugares de refúgio, temos outro trabalho: Fora da margem - como guetos foram refúgio para a comunidade LGBTQIAP+ (Fonseca e Moura, 2023), onde é trabalhado como os grupos marginalizados reuniam-se nos chamados “guetos”, como forma resistência por direitos relacionados a sua comunidade, mas também como uma forma de existência (na plenitude da palavra).

A pesquisa analisa o contexto nacional na época do Regime Militar e como os espaços marginalizados marcados por tragédias e brigas, e embates entre o sistema político e social vigentes é transformado em lugares de resistência, onde a comunidade podia reunir-se para se vestir, celebrar e refugiar, pois fora desses locais eram reprimidos e/ou violentados, sendo seus direitos violados, ou seja temo nesses lugares outrora de violência, perseguição política e étnica-racial socioeconômica e vulnerabilidade social a ressignificação em lugares refúgios e aconchego para essa comunidade, que neles, conseguiram seguir suas vidas e viverem suas identidades respeitadas.

Investigou-se a causa como esses espaços de marginalização e violência passaram a se tornar um espaço social, cultural e político para a comunidade LGBTQIAP+. Como as inter-relações e as segregações são processos ativos no contexto envolvendo essa população em guetos, de aglutinação e identificação. Como a afetividade, reciprocidade e representatividade são conceitos que influenciam. Percebeu que diferentemente dos grandes órgãos institucionais e da população geral que pensam os guetos como espaços vazios e sem identidade, como um lugar de utilidade apenas de abrigar a população excluída e marginalizada

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

dos grandes centros, a comunidade LGBTQIAP+ mostrou que com a afetividade e a representatividade de espaços podem se tornar lugares de refúgio e permanência, mesmo possuindo características físicas, naturais e sociais vulneráveis. Notamos nesse trabalho como uma comunidade marginalizada e fora dos padrões dominantes estabelecidos ressignificam suas memórias dos lugares para transformá-los em lugares de refúgio e resistência.

Notamos que em ambos os trabalhos as experiências dos sujeitos com os lugares são fundamentais para a criação de identidades e pertencimento ao lugar. O espaço deixa de ter a função geométrica e material e passa a ter outros sentidos que vão além desses dois. No texto de Porto, os sujeitos são prejudgados por não estarem em sintonia com os valores morais padrões vigentes ao se reunirem e beberem em um bar. Mas as afetividades e memórias construídas pelos seus frequentadores fazem com que eles rompam com o que é moralmente esperado, frequentem e voltem ao lugar. O texto é marcado pelas entrevistas com os sujeitos, as memórias construídas fazem daquele espaço um lugar, são elas que fazem eles quererem retornar. Já o texto de Fonseca e Moura, temos a ressignificação das memórias, os sujeitos marginalizados que também não se encaixam nos padrões impostos pela sociedade transformaram do seu lugar de angústia e dor um lugar para viver e sobreviver, não é papel do autor romantizar esses espaços, mas entender como foi esse processo de ressignificação e ocupação.

Ambos os casos podemos analisar sobre o prisma dos estudos do filósofo Martin Heidegger, onde em seu ensaio "Construir, Habitar, Pensar" ("Bauen Wohnen Denken") que investiga a relação entre a construção (bauen), o habitar (wohnen) e o ser (denken), refletindo como essas categorias estão interconectadas durante toda a caminhada dos sujeitos durante sua existência. Se constroi, não apenas materialmente, pela necessidade que nos é inata (os bares, os guetos), mas também existe a necessidade de habitar que não se resume apenas em ocupar (ato de beber cerveja com os amigos, construção de laços) e por fim é pensar que torna a experiência dos dois primeiros genuína (é criar memórias dos amigos, é dar novos significados aos espaços). Essas interseccionalidades permitem que os sujeitos ocupem os espaços, transforme eles em lugares e criem memórias. Essas memórias permitem que o sujeito leve esse lugar dentro de si, mesmo que não

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

esteja em contato direto com ele.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O trabalho teve como intuito focar como as memórias são um recurso interessante para a ciência geográfica para entender o sentimento de pertencimento e identitário dos sujeitos. Como esse recurso é utilizado por determinados grupos para legitimar sua dominância sobre outros, seja em forma de história oficial ou ainda moral social.

Esse tipo de tentativa de controle do que pode ou não ser lembrado irá ressoar em todos os segmentos sociais, seus desdobramentos podem ser observados na História oficial das sociedades e a tentativa de legitimação dos processos sociais e históricos, como exemplificado no caso da ocupação capitalista do Norte do Paraná, mas também pode ser sentida por grupos que são marginalizados nesses processos e tem sua continuidade até os dias de hoje, como nos casos apresentados: bebedores de cerveja e a comunidade LGBTQIAPN+.

Nos dois últimos casos percebemos que a memória também é campo de disputa. E é através dessas disputas que os lugares são concebidos, os indivíduos rompem com uma visão dominante do que deveriam ser suas ações e práticas, através dessa rebeldia constroem memórias que lhes são próprias, dão sentidos aos espaços, enfim constroem lugares. Os lugares não precisam atender as agendas e demandas do social dominante, mas sim ter sentido próprio para aqueles que os vivenciam, aqueles que carregam em suas memórias e corações esses lugares dentro de si.

É o sentimento de pertencimento que nos é interessante, como essas interseccionalidades constroem identidades. Onde diversidades, pluralidades e perspectivas se entrecruzam.

REFERÊNCIAS:

FONSECA, G. C.; MOURA, J. D. P. . **Fora da Margem - Como Guetos foram Refúgio para a Comunidade LGBTQIAP+**. In: IV Congresso Brasileiro de Organização do Espaço, 2023, Rio Claro. "Os Brasis da Fome: Os Regimes de Acumulação Capitalista na Organização do Território", 2023.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. Disponível em: http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,habitar,pensar.pdf. Acesso em: 07/08/2024.

HOLZER, Werther. **Sobre territórios e lugaridades**. Cidades, v.10, n.17, p.18-29, 2013.

LOWENTHAL, David et al. **Como conhecemos o passado**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 17, 1998.

PORTO, Marcelo Correa. **Saideira atrás da outra: as raízes da cultura cervejeira enquanto geradora de significações com o outro e com o lugar**. *Geographia Opportuno Tempore*, v. 9, n. 2, p. e48830-e48830, 2023.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Revista Geografia, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr., 1979.

RICOER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SILVA, R. B. **Entre a Aurora e o Sol Nascente: a invenção de Assaí-PR**. Orientadora: Jeani Delgado Paschoal Moura. 2024. 59p. Bacharelado – Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina. 2023.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias**. 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Lugar: uma perspectiva experiencial**. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.